

VOLUME 3

# Empreendedorismo feminino

VOLUME 3

# Empreendedorismo feminino

@ 2022. R10 Consultoria

É autorizada a reprodução total ou parcial desta publicação, desde que citada a fonte

## FICHA TÉCNICA

---

Volume 3: Empreendedorismo feminino

TEMAS:

1. Empreendedorismo feminino; 2. Captação de recurso.

---

## EQUIPE TÉCNICA

Supervisão geral – Glauciele Lerner

Supervisão técnica – Yuri Chagas Lopes

Pesquisa e elaboração – Maria Luiza Dias Campos

Revisão – Martina Maria Lopes Fouquet

Redação – Junio Silva

Finalização – Gabriel Galvão Gomes



04	.....	Negócio de mulher
05	.....	No Brasil
09	.....	Cenário internacional
10	.....	Por que é mais difícil para as mulheres captarem recursos?

# Negócio de mulher

No dicionário Oxford, o verbo *empreender* é definido como:

1. Decidir realizar (tarefa difícil e trabalhosa); tentar.
2. Pôr em execução, realizar.

Já na Constituição Federal de 1988, está estabelecido no Art. 170, parágrafo único, que:

“É assegurado a todos o livre exercício de qualquer atividade econômica, independentemente de autorização de órgãos públicos, salvo nos casos previstos em lei.”

**Tentar e realizar.** Esses verbos representam a tão sonhada independência financeira através do próprio negócio. O sonho de se ver como chefe de si mesmo. Esse é um anseio que habita o imaginário de muitas pessoas no Brasil e no mundo.

Especialmente em um cenário de pandemia, que empurrou muitos trabalhadores para a informalidade com demissões em massa e empreendimentos sendo fechados, empreender se tornou uma necessidade.

E como em todos os espaços sociais e econômicos, os debates de gênero também existem no empreendedorismo. Onde estão as mulheres nas micro e pequenas empresas? Em quais ramos atuam? Como ocorre a disparidade de gênero no campo do empreendedorismo?

Você já leu no nosso e-book anterior, *A Desigualdade nas Leis*, que em muitos países, o direito das mulheres para abrirem uma empresa ainda é bastante recente. Agora, vamos ampliar um pouco mais essa questão, à nível nacional e internacional.

Uma Questão de Gênero é o resultado de um estudo de posicionamento realizado pela R10 Consultoria a partir de uma extensa coleta de dados do cenário mundial. [Confira as demais edições da nossa série de publicações.](#)

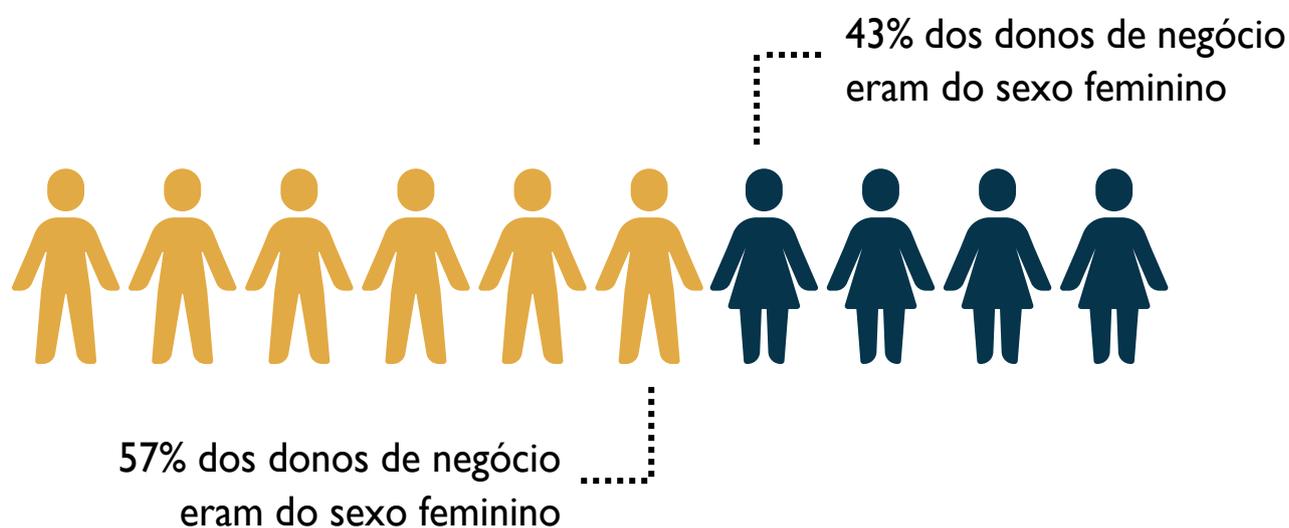
# No Brasil

Apesar dos percalços e atrasos, o protagonismo feminino vem crescendo e, com isso, cada vez mais mulheres vêm assumindo a liderança de empresas e do mercado de trabalho. A tendência, segundo dados, é que haja mudanças progressivas, uma vez que as mulheres buscam empreender mais, são mais escolarizadas e mais jovens.

Dados do Sebrae apontam que entre 2016 e 2018 houve um crescimento demográfico de 30% no número de mulheres empreendedoras.

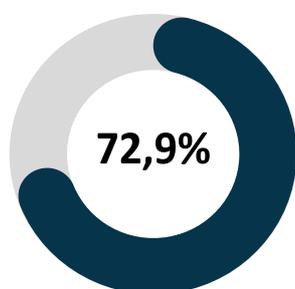
Em 2017, segundo a pesquisa *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), patrocinada no Brasil pelo Sebrae, verificou-se que as mulheres são a maioria entre os novos empreendedores. Representando 51% das novas empresas.

Em relação ao universo empresarial, um estudo realizado pelo Serasa Experian em 2015 revela que o Brasil possuía 5.693.694 mulheres empreendedoras, ou seja, 43% dos donos de negócios do país seriam do sexo feminino.

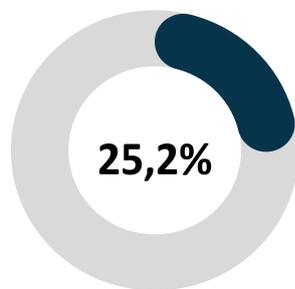




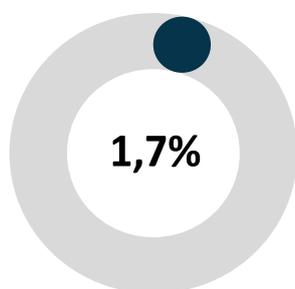
Do total de empreendedoras brasileiras, 25,2% eram Microempreendedoras Individuais (MEI), 72,9% eram sócias de microempresas ou empresas de pequeno porte, 1,7% eram sócias de empresas de médio porte e apenas 0,2% são sócias de grandes empresas.



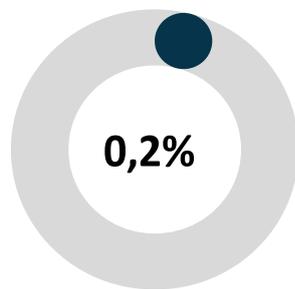
Microempresas ou  
empresas de  
pequeno porte



Microempreendedoras  
Individuais (MEI)

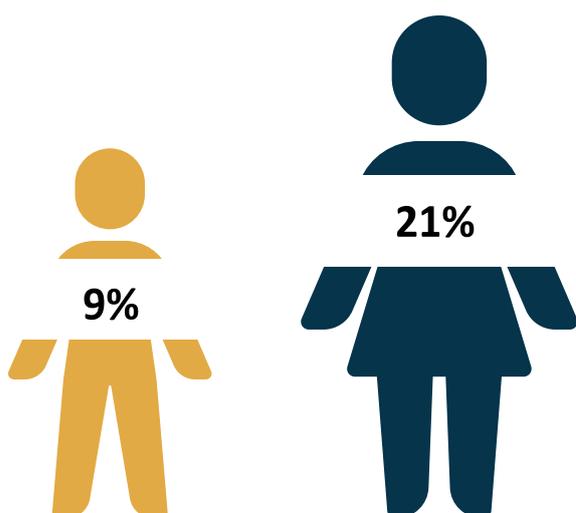


Empresas de  
médio porte



Empresas de  
grande porte

### Crescimento de empreendedores entre 2001 e 2011



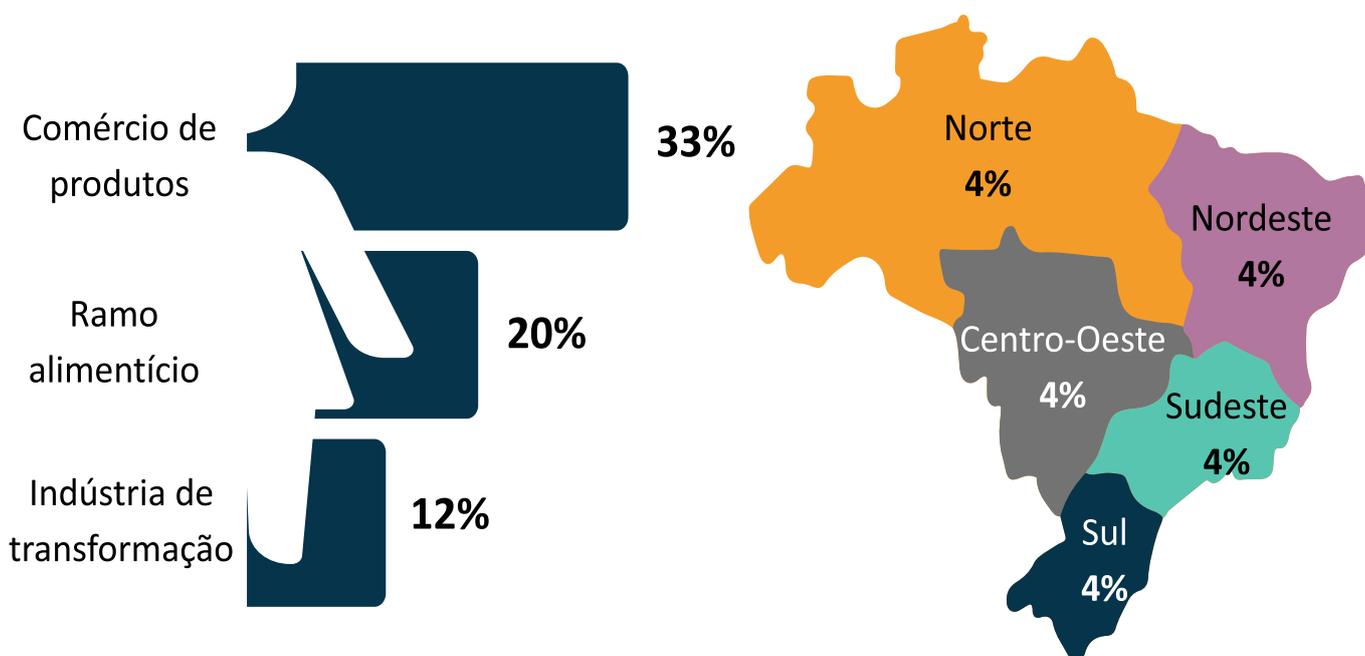
Segundo a pesquisa “Empreendedorismo feminino como tendência de negócios” realizada pelo Sebrae, entre 2001 e 2011, o número de homens empreendedores cresceu 9% enquanto o das mulheres aumentou 21%.

Além do mais, um outro estudo realizado pela Serasa Experian em 2017 afirmou ainda que cerca de 43% das empresas brasileiras eram geridas por mulheres e 73% eram sócias de alguma pequena ou média empresa, até 2016.

Esses dados comprovam que a quantidade de mulheres empreendedoras está em expansão, embora muitas trabalhadoras ainda tenham que lidar com jornadas múltiplas, balanceando vida pessoal e trabalho.

Ainda conforme os resultados da pesquisa mais recente realizada pelo Serasa Experian, o número de donas de negócio do sexo feminino cresceu para aproximadamente 8 milhões de empreendedoras no país.

Vejam os ramos que as mulheres empreendedoras mais atuaram e onde elas estão localizadas no Brasil, segundo o Serasa Experian em 2017:



De acordo com o Boletim Observatório Global “Empreendedorismo Feminino no Mundo” de 2020, 49% dos “empreendedores iniciais” do Brasil são mulheres, um índice superior a países como Espanha (47%), EUA (46%) e Canadá (36%).

Em 2019, o Brasil ocupou a 4ª colocação em relação à participação feminina entre os “empreendedores iniciais” e a 10ª colocação em relação à proporção de mulheres que iniciam um negócio motivadas pela “escassez de emprego” com 91%.

Nesse sentido, a quantidade de mulheres empreendedoras representa uma quebra de paradigmas quanto à capacidade de liderança feminina. Quantos estereótipos já ouvimos sobre isso?

Mesmo que ainda exista desigualdade de gênero no mercado de trabalho do Brasil e do mundo, o fato é que os negócios comandados por mulheres estão em crescimento e tendem a resultar em ganhos que beneficiam a todos.

## **DIA DO EMPREENDEDORISMO FEMININO**

**19 DE NOVEMBRO**



O movimento vem ganhando tanta força e apoio de pessoas e organizações em escala mundial que, desde 2014, a data de 19 de novembro foi estabelecida como o Dia do Empreendedorismo Feminino pela Organização das Nações Unidas (ONU). O objetivo se enquadra no sentido de atrair a atenção mundial para o impacto econômico e social, fortalecendo o protagonismo feminino.

**“Negócios comandados por mulheres estão em crescimento e tendem a resultar em ganhos que beneficiam a todos.”**

# Cenário internacional

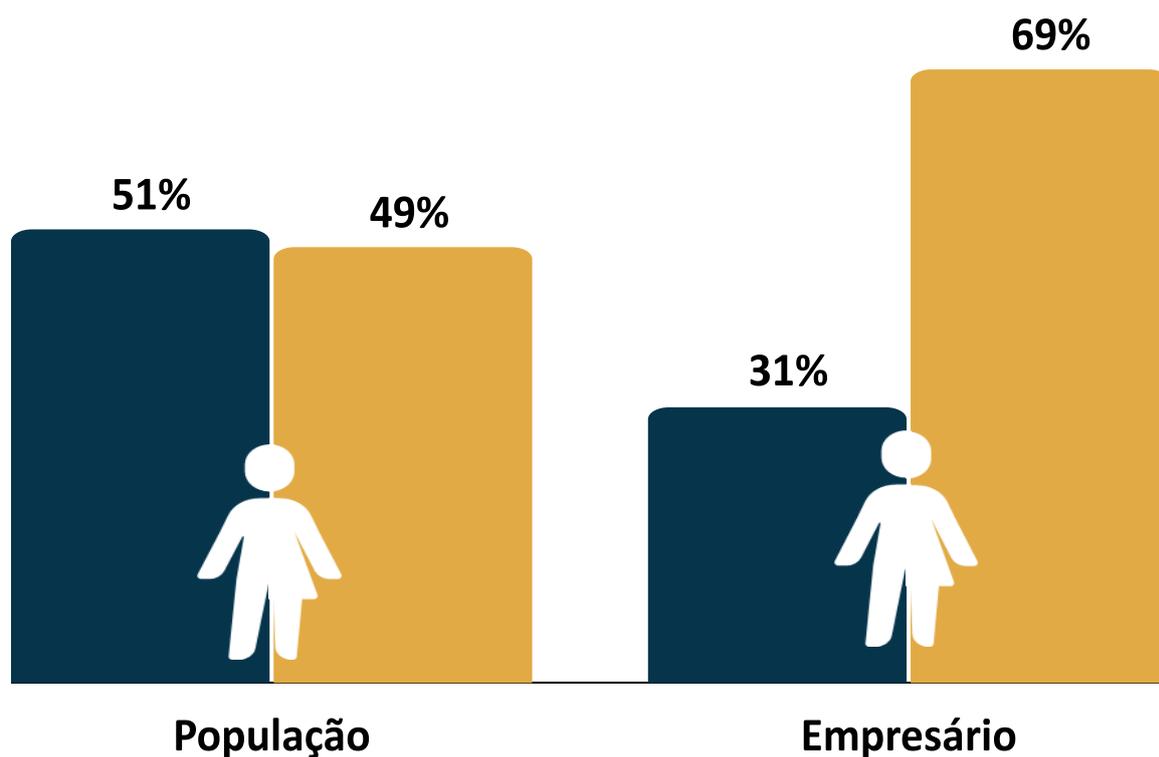
De acordo com dados da OCDE dispostos no relatório da Comissão Europeia intitulado “*Gender Smart Financing Investing in & With Women: Opportunities for Europe*”, de 2018, as empresas lideradas por mulheres são frequentemente subcapitalizadas e usam menos financiamento externo, dependendo mais de poupanças pessoais e fundos conjugais.

Na Europa, por exemplo, as empresas de tecnologia apoiadas por capital de risco com equipes fundadoras totalmente masculinas recebem 93% do capital investido e respondem por 85% dos negócios.

Por outro lado, 5% do capital é conduzido para equipes fundadoras mistas e apenas 2% para equipes fundadoras femininas, sem melhora significativa nos últimos anos.

Em termos monetários, isso significa que, para cada libra em fundos arrecadados por empresas de tecnologia apoiadas por capital de risco, 93 centavos de libra vão para equipes fundadoras masculinas, 5 centavos de libra para equipes fundadoras mistas e apenas 2 centavos de libra para equipes fundadoras femininas.

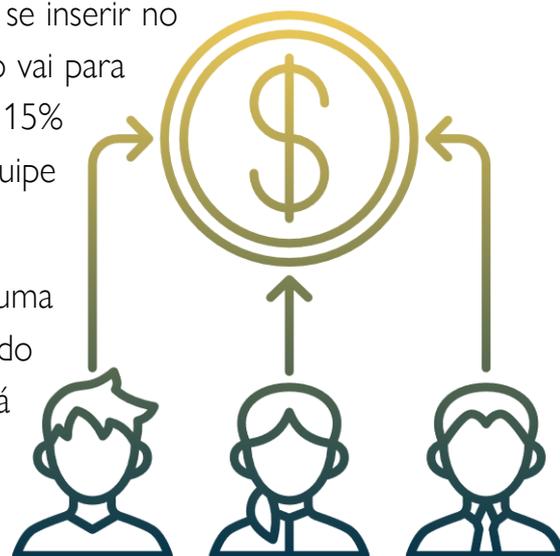
Esses dados são ainda mais alarmantes quando se constata que 49% da população da União Europeia é masculina enquanto 51% é feminina e, mesmo diante de mais mulheres, 69% dos empresários são homens enquanto 31% são mulheres.



Não é só na Europa que mulheres encontram dificuldades em se inserir no empreendedorismo. Nos EUA, cerca de 3% do capital de risco vai para todas as empresas fundadas por mulheres e apenas cerca de 15% vão para empresas que têm pelo menos uma mulher na equipe fundadora.

Na União Europeia, por sua vez, as empresas com pelo menos uma fundadora do sexo feminino garante cerca de 11% do financiamento geral de capital de risco. Nesse sentido, há barreiras na entrada de mulheres no mundo dos negócios.

O acesso ao financiamento é deficitário pelo recorte de gênero. Vejamos as possíveis causas desse cenário apontadas pelo já citado relatório da Comissão Europeia.



## Por que é mais difícil para mulheres captarem recursos?

O relatório afirma que, em primeiro lugar, as mulheres são menos propensas a serem **empreendedoras**. Na Europa, por exemplo, as mulheres têm metade da probabilidade dos homens de trabalhar por conta própria.

A diferença é frequentemente atribuída a possíveis divergências em capital humano – as mulheres se veem como menos experientes do ponto de vista do empreendedorismo em comparação aos homens – e em capital social – redes de networking menores, menos diversificadas e muitas vezes limitadas em força de vínculo.

**“No setor de alta tecnologia, menos de 15% dos fundadores são mulheres”**





Percepções negativas sociais e políticas que desencorajam o empreendedorismo feminino, incluindo sistemas fiscais e políticas familiares que não favorecem o modelo autônomo ou de dupla renda, são também justificativas plausíveis.

A disparidade é especialmente significativa no setor de alta tecnologia, onde menos de 15% dos fundadores são mulheres, no contexto europeu. Da mesma forma, a Eurofund estima que, em 2015, as mulheres representavam apenas 23,4% dos empreendedores no setor das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e, em média, menos de 1 em cada 3 empreendedores é mulher.



Outra justificativa dada pelo relatório é que **mulheres geralmente não iniciam negócios que parecem alvos típicos de equidade**. Isso significa que as startups lançadas por mulheres tendem a ser menores, operam em diferentes setores e, muitas vezes, são menos intensivas em capital e menos orientadas para o crescimento (principalmente saúde, assistência social e serviços). São também negócios mais avessos ao risco e de caráter local.

Segundo o relatório, **homens e mulheres compartilham, ainda, aspirações diferentes**. Ganhar mais dinheiro é uma motivação maior para os homens na criação de um negócio do que para as mulheres, que são mais motivadas pelo desejo de perseguir um interesse ou hobby. No entanto, empreendedores de alta tecnologia bem-sucedidos parecem muito semelhantes, independente do gênero.

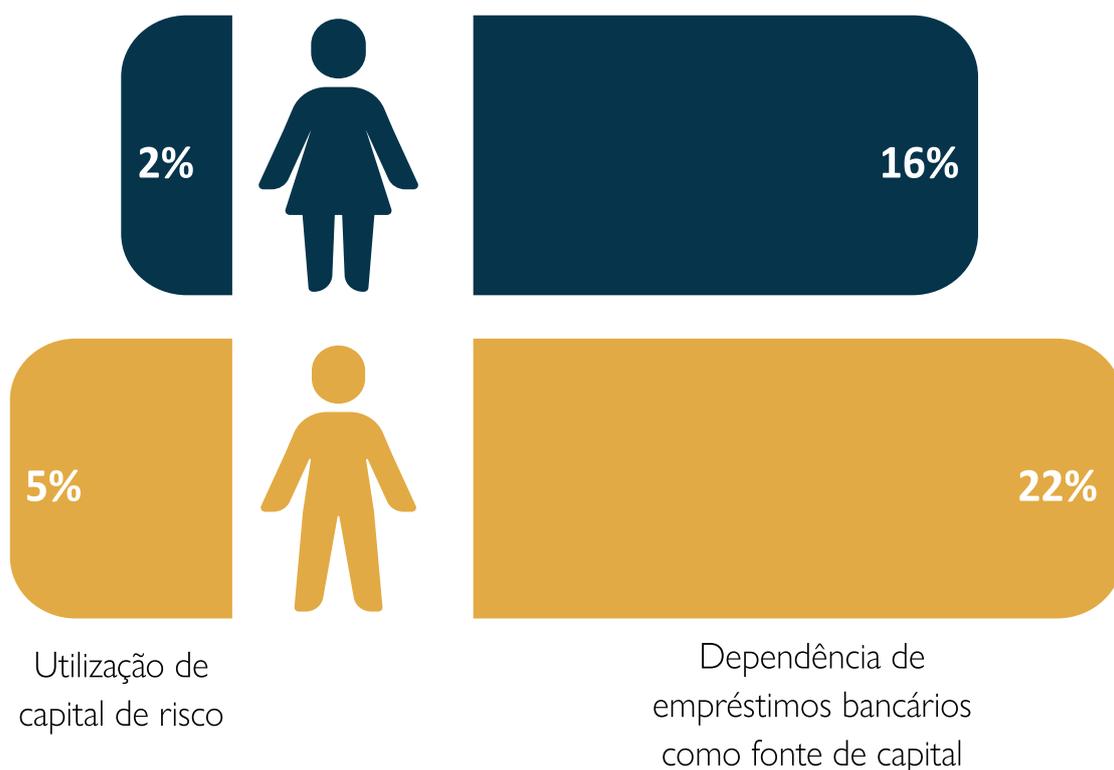
Uma questão interessante salientada pelo relatório é que **mulheres não costumam perguntar e procurar ajuda**. Assim, se tornam menos propensas do que homens a pedir financiamento externo e mais propensas a se tornarem “mutuárias desencorajadas”, ou seja, indivíduos dignos de crédito que não solicitam financiamento por medo de rejeição.

Acreditam, sobretudo, que serão provavelmente rejeitadas devido a restrições do mercado de crédito ou por causa da sua experiência anterior ou mesmo porque banqueiros as consideram menos confiáveis.

De acordo com o estudo “*Financing and women-owned businesses: the role of size, age and industry*” (2018), conduzido pelo Facebook, pela OCDE e pelo Banco Mundial, 16% das pequenas e médias empresas (PMEs) de propriedade de mulheres em todo o mundo relatam dependência de empréstimos bancários como fonte de capital para financiar seus negócios, em comparação com 22% das de propriedade de homens.

O mesmo estudo evidencia que, em geral, apenas 2% das PMEs pesquisadas e lideradas por mulheres usaram capital de risco para financiar seus negócios, enquanto 5% dos homens seguiram esse caminho.

No entanto, a pesquisa mostra que, embora as mulheres tendam a não pedir financiamento, isso muda se elas tiverem um “ajudante de *startup*”, ou seja, alguém que não seja investidor, mas ajude a lançar a *startup*.





Por último, mulheres empreendedoras são afetadas por preconceitos e estereótipos de gênero no processo de investir. Geralmente, são julgadas por diferentes padrões de gênero estabelecidos e percebidas como de maior risco.

Investidores costumam fazer perguntas diferentes aos fundadores, a depender do gênero, alterando os critérios de avaliação. Costumam também preferir *pitch*s de negócios apresentados por empresários do sexo masculino, mesmo quando o conteúdo é exatamente o mesmo.

Grande parte do preconceito é inconsciente. Investidores e agentes de crédito não veem a lacuna de financiamento. Cerca de 8 em cada 10 investidores americanos acham que as mulheres e os empreendedores minoritários obtêm a quantia certa ou mais capital do que seus modelos de negócios merecem, mas investem menos neles.

No contexto dos Estados Unidos, por exemplo, o investimento médio por investidores de capital foi, em 2018, de quase US\$ 1 milhão em geral, mas apenas US\$ 213.000 para empresas de mulheres.

**“Cerca de 8 em cada 10 investidores americanos acham que as mulheres e os empreendedores minoritários obtêm a quantia certa ou mais capital do que seus modelos de negócios merecem, mas investem menos neles.”**

A **R10 Consultoria** é uma empresa especializada no atendimento às instituições públicas e privadas que fomentam o desenvolvimento econômico e socioambiental no Brasil e na América Latina.

A R10 Consultoria atua com o desenvolvimento de projetos nacionais e internacionais, elaboração de estudos e na criação de soluções para a implementação, monitoramento e avaliação de políticas, programas e projetos de desenvolvimento.



#### **R10 Consultoria**

Rua 30 Norte, Lote 04, Bloco A, 3 andar Ed.  
Cosmopolitan Office

Águas Claras, Brasília – DF

CEP 71918-180

Tel: +55 (61) 99839-3737

E-mail: [contato@r10consultoria.com.br](mailto:contato@r10consultoria.com.br)